

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO MAUÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE

GABRIEL DE MOURA PEREIRA

**O GRITO DO POVO: OS JORNAIS OPERÁRIOS E A FORMAÇÃO POLÍTICA
DOS TRABALHADORES DE 1906 A 1917**

Ribeirão Preto

2024

GABRIEL DE MOURA PEREIRA

**O GRITO DO POVO: OS JORNAIS OPERÁRIOS E A FORMAÇÃO POLÍTICA
DOS TRABALHADORES DE 1906 A 1917**

Trabalho de conclusão de curso da pós-graduação *lato sensu* em História, Cultura e Sociedade para obtenção do título de especialista.

Orientador: Dr. Felipe Ziotti Narita

Ribeirão Preto

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

P436g

Pereira, Gabriel de Moura

O grito do povo: os jornais operários e a formação política dos trabalhadores de 1906 a 1917/ Gabriel de Moura Pereira - Ribeirão Preto, 2024.

41p.

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em História, Cultura e Sociedade do Centro Universitário Barão de Mauá

GABRIEL DE MOURA PEREIRA

**O GRITO DO POVO: OS JORNAIS OPERÁRIOS E A FORMAÇÃO POLÍTICA
DOS TRABALHADORES DE 1906 A 1917**

Trabalho de conclusão de curso da pós-graduação *lato sensu* em História, Cultura e Sociedade para obtenção do título de especialista.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Felipe Zioti Narita
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dr. Rafael Cardoso de Mello
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Rodrigo de Andrade Calsani
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2024

Dedico este trabalho aos meus pais, os de carne e osso e aos espirituais.

AGRADECIMENTO

Falta espaço no presente trabalho para agradecer adequadamente a todos que prestaram auxílio não só neste, mas em diversos outros trabalhos que realizei durante a trajetória da minha formação enquanto pesquisador e professor. Porém, de uma forma breve, tentarei resumir os créditos a todos que merecerem.

Queria agradecer ao meu orientador, o professor Felipe Ziotti Narita, que muito gentilmente deu continuidade à orientação que começou na minha monografia da graduação. Sem ele esse trabalho não seria possível.

Gostaria de agradecer também a minha amada Julia, que me ajudou com a revisão ortográfica do meu texto; sem ela minha vida acadêmica seria infinitamente mais desafiadora.

Agradeço aos meus professores, que sempre me mostraram muito solícitos e pacientes durante todo o meu processo de formação. Minha evolução como pesquisador se deve principalmente a eles.

Aos meus familiares e principalmente meus amigos, por terem sido uma rede de apoio que tive a sorte de ter, sempre ao meu lado e sempre muito compreensivos as mazelas da vida de historiador. Obrigado a todos.

RESUMO

Aos nos debruçarmos sobre o século XVIII, podemos perceber que uma série de violências e mudanças passam a acontecer em decorrência da transição do mercantilismo para o recém-nascido capitalismo industrial. Com isso, diversos movimentos políticos e de reivindicação passam a surgir em diversos lugares do mundo ao longo dos séculos XIX e XX. Compreender esses movimentos é entender como a mentalidade sofre mudanças de acordo com os eventos históricos nos quais os indivíduos estão inseridos. O trabalho pretende entender um dos braços desses movimentos sociais, o jornal operário, e pensar em como as publicações influenciaram na formação da mentalidade dos trabalhadores brasileiros. Nesse sentido, a pesquisa contou com análise de jornais operários brasileiros do início do século XX, demonstrando a relevância da imprensa operária para o entendimento dos conflitos sociais e dos problemas do capitalismo industrial.

Palavra-chave: jornais; operário; capitalismo.

ABSTRACT

As we look back on the 18th century, we can see that a series of violences and changes began to take place as a result of the transition from mercantilism to the newborn industrial capitalism. As a result, various political and protest movements began to emerge in various parts of the world throughout the 19th and 20th centuries. To understand these movements is to understand how mentality changes according to the historical events in which individuals find themselves. This paper aims to understand one of the arms of these social movements, the workers' newspaper, and to think about how it influences the formation of the mentality of Brazilian workers. In this sense, the research included an analysis of Brazilian workers' newspapers from the beginning of the 20th century, demonstrating the relevance of the workers' press for understanding social conflicts and the problems of industrial capitalism.

Keywords: newspapers; worker; capitalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cabeçalho do Jornal A Plebe 31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEMPORANEIDADE, CAPITALISMO E LUTA DE CLASSES.....	12
2.1 Modernidade e capitalismo.....	13
2.2 Os movimentos sociais.....	16
2.3 Os anarquistas e o movimento operário.....	21
3 IMPRENSA E MILITÂNCIA NO BRASIL.....	25
3.1 A imprensa operária no Brasil	26
3.2 Os aliados do povo.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Tratar sobre estudos da classe operária e as ideologias que nasceram de suas movimentações parece sempre ser um campo que desperta os pontos de vista mais variados.

O presente trabalho se propõe a analisar um dos diversos aspectos que abrangeram essas lutas sociais, o jornal operário, e entender qual era seu papel dentro do vasto e elaborado movimento trabalhista brasileiro, não apenas focando em entender o contexto político e em qual conjuntura se encontravam os trabalhadores nesse momento, mas também se preocupando em discutir a forma de mentalidade que estava presente nos movimentos operários e sindicais desse momento da história brasileira. Assim, o pesquisador pode ter mais um ponto de vista sobre esse momento tão complexo da história brasileira, com enfoque nas formas em que os indivíduos se organizavam, entendendo melhor como eram construídos os movimentos sociais da época para fins de compreensão e pesquisa. O trabalho apresenta, também, um panorama da situação socioeconômica e a configuração social no qual se davam os conflitos que geravam as movimentações populares da época.

Os jornais operários surgem em um contexto em que se iniciava uma lenta industrialização brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX. Ao contrário da pesada Revolução Industrial inglesa, o Brasil ia a passos lentos pelo caminho do trabalho fabril, apresentando alguns polos industriais que geralmente eram presentes em capitais dos estados. Os jornais de então eram publicados em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo, apesar de também termos a presença de alguns jornais no interior, falando sobre os trabalhadores rurais – mas que não dizem respeito ao recorte escolhido para o trabalho em questão.

O presente estudo está dividido em dois capítulos, analisando toda a contextualização pretendida para abordar o assunto que se propõe, e entendendo formas de entender a historicidade de alguns fatos e seus impactos na mentalidade dos indivíduos da época. Esse objetivo é articulado à preocupação metodológica com a interpretação de alguns jornais mais relevantes para o enfoque do trabalho.

No capítulo *Contemporaneidade, capitalismo e luta de classes*, o trabalho se propõe a fazer um panorama histórico sobre o início do surgimento do capitalismo industrial. O capítulo pretende entender como o surgimento do novo sistema econômico

e político faz uma reconfiguração social, mudando toda a cultura do povo para o novo modelo de trabalho e geração de riqueza. O trabalho artesanal é substituído pelo trabalho operacional das máquinas, mudando toda a forma de se comportar e de viver.

Nesse capítulo, o trabalho faz uma linha de raciocínio que vai abordar o começo da Revolução Industrial e suas consequências sociais, o surgimento das primeiras organizações e movimentações dos trabalhadores e por fim o surgimento das ideologias que perpassaram por esses movimentos.

A última parte do capítulo se debruça sobre o desenvolvimento do anarquismo como ideologia materialista e dialética dentro do movimento operário. Utilizando alguns autores como George Woodcock (2006) e Piotr Kropotkin (1903) o capítulo faz uma linha de desenvolvimento explicando como o anarquismo entende a história e os indivíduos, e explica o desenvolvimento da sociedade de classes baseado em um método de análise histórico, que também busca se desenvolver de forma científica – ainda que, no caso de alguns teóricos anarquistas, se afirme que o anarquismo como ideologia política não é científico e muito menos pretende ser.

No capítulo *Imprensa e militância no Brasil*, o texto segue falando sobre o movimento operário, mas agora com um outro enfoque. Ao chegar a território brasileiro, a ideologia anarquista passa a influenciar os trabalhadores em diversos aspectos, um dos principais e mais ativos movimentos que provem dessa influência anárquica são os jornais operários. Esses jornais operários nasciam de uma necessidade de informar aos outros trabalhadores sobre greves que estavam boicotadas pelos grandes patrões em união com a mídia hegemônica. Então nasce ali um movimento próprio dos operários de criar um periódico onde se divulgasse movimentações dos trabalhadores.

Os jornais citados no texto têm uma forte tendência anarquista em seus textos, apesar de não excluírem participação comunista ou sindicalista é nítido com ao maneira de se expressar é muito influenciada por movimentos anarquistas europeus. Incentivando os trabalhadores a boicote, sabotagens e outras formas de se reivindicar direitos que até então não eram previstos em nenhuma legislação. O capítulo constata que os jornais não apenas tinham um teor de informação jornalística, mas também teórico, com o qual os trabalhadores poderiam se formar. É uma forma de trabalho de base completa, com os jornais sendo uma fonte não apenas de informação para os trabalhadores conseguirem se organizar, mas também para estudar teorias progressistas naquele momento específico.

Por fim, o estudo se propõe a entender como esses jornais operários influenciaram as organizações trabalhistas e como foram importantes dentro da época

escolhida no recorte, utilizando de análise documental para entender a dinâmica socioeconômica e o desenvolvimento de determinadas ideias que permeavam os conflitos sociais da época em que o trabalho se baseia. Entendendo como os veículos de origem popular podem ser de grande influência, reforçando como todos somos personagens históricos e ativos em nossa época.

2 CONTEMPORANEIDADE, CAPITALISMO E LUTA DE CLASSES

Ao nos debruçarmos sobre o contexto do final do século XIX e início do século XX, nos deparamos com uma situação complexa em relação a mudanças históricas que abalaram o contexto cultural e político da época. É muito comum que o historiador acabe se deparando com muitas leituras trágicas desse momento histórico em específico.

Essas leituras decorrem do fato de a Europa passa por um movimento violento de industrialização, tanto dentro de seu próprio território quanto fora dele, na exploração e dominação das colônias fora do continente. O exemplo mais comum de leitura trágica é a obra *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, do filósofo americano Marshall Berman (1986), na qual ele faz uma leitura minuciosa sobre como o homem moderno é, em suma, um homem cheio de angústias, dúvidas e até depressões.

No livro, Berman (1986) discute como o *Fausto* de Goethe é uma ótima representação da cultura na modernidade, sendo que o personagem principal é a representação do homem moderno em sua busca niilista pelo progresso, tendo como resultado sempre a tragédia. Em um panorama historiográfico, quando pensamos o processo industrial, vemos que ele é, antes de uma tragédia, uma movimentação de interesses. Existe um interesse econômico muito claro na industrialização europeia que se movimentava a passos agora largos para o desenvolvimento do capitalismo e seu processo de industrialização.

A socióloga brasileira Vânia Bambirra argumenta em seu artigo *A Revolução Industrial como um processo* (2024) que a Revolução Industrial é uma revolução *técnica* burguesa causada pela revolução *social* burguesa, mudança essa que tem suas raízes iniciais no sistema feudal, em que o desenvolvimento de corporações artesanais, comércio entre os burgos e intensificação do comércio com o Oriente são algumas das coisas que vão impulsionar a mudança do regime social, que, segundo a autora, vão proporcionar um contexto em que os burgueses acabam se tornando donos da economia e, logo, do poder político, como na Revolução Francesa.

Sendo assim, o contexto industrial não acontece apenas por um desenvolvimento socioeconômico, como alguns pesquisadores preferem definir, mas também por um movimento de tomada da economia e do poder político por uma nova classe em ascensão na modernidade, classe essa que é diferente dos antigos senhores nobres. Com isso, temos um novo contexto social em vista de que a nova classe, os burgueses, passam a ditar a maneira como as pessoas iriam se portar culturalmente; se

antes os costumes eram controlados pela nobreza, agora serão controlados pela burguesia, que define um novo modelo de vida e costumes para o homem moderno.

No livro *A era das revoluções 1789-1848*, o historiador Eric Hobsbawm (2016) aponta como esse movimento não foi nem um pouco brusco, visto que não era tão facilmente palpável, sendo que apenas na década de 1830 começa a surgir um mundo onde apenas o dinheiro é valorizado acima do resto. O autor diz:

[...] Este, à primeira vista, é um ponto de partida caprichoso, pois as repercussões desta revolução não se fizeram sentir de uma maneira óbvia e inconfundível — pelo menos fora da Inglaterra — até bem o final do nosso período; certamente não antes de 1830, provavelmente não antes de 1840 ou por essa época. Foi somente na década de 1830 que a literatura e as artes começaram a ser abertamente obsedadas pela ascensão da sociedade capitalista, porém mundo no qual todos os laços sociais se desintegravam exceto os laços entre o ouro e o papel-moeda (no dizer de Carlyle) [...] (Hobsbawm, 2016, p.26)

Tendo esse contexto de interesse de uma classe e um surgimento de uma nova configuração social, é que se dá o início do capitalismo industrial e da sociedade contemporânea, com os novos meios de produção sendo controlados pelos burgueses e sendo criada uma diferença entre as pessoas que estavam entre os chamados “trabalhadores” e os denominados “burgueses”. E agora o modelo de sociedade coletivo é substituído pelo modelo individualista. Como citado por Hobsbawm (2016), essa é a era em que os laços entre as pessoas eram substituídos pela relação com o “Eu”, o que causa muitas leituras trágicas sobre o momento histórico.

Para muitos historiadores, estudar esse momento é interessante partindo do princípio que é uma forma de entender problemas próprios do pesquisador, gerados por essa configuração social que acaba desumanizando os indivíduos. Então, assim como Berman (1986) argumenta em sua obra, o mundo moderno chega aos poucos para destruir o mundo antigo em sua forma de configuração social; e assim como Fausto destrói a velha Alemanha para construção de uma nova, vemos o capitalismo destruir as formas anteriores para criar o novo modelo de vida, que traz algumas mudanças para o cenário social.

2.1 Modernidade e capitalismo

Com o início da Revolução Industrial, começa a surgir essa nova configuração social na qual – entre outros processos – temos o que pode ser chamado de

“massificação” da população como um todo. Devido a expansão do processo de urbanização, acontece um grande movimento de êxodo nas partes rurais, fazendo com que as cidades acabem se inflando. Porém, a infraestrutura das cidades não comportava o novo número de pessoas que agora chegava dos campos.

A historiadora Maria Stella Martins Bresciani (1986), em seu livro *Londres e Paris*, faz uma análise literária de algumas obras de Walter Benjamin e Baudelaire e constata um processo de massificação entre as linhas dos autores com alguns textos falando sobre as multidões e sobre o tempo, que agora eram diferentes do tempo do campo. No livro *Londres e Paris*, a autora também faz uma colocação de como a nova configuração social afetava os homens em termos de costume, a vida pacata do campo agora havia sido substituída pela nova vida na cidade, com a calmaria dos campos sendo deixada de lado para dar espaço para a pressa das cidades. Com isso, o trabalho sazonal passa a ser substituído pela angústia dos prazos e dos relógios que contam os minutos de maneira tão voraz que acabam causando angústias nas pessoas.

Apesar dessa vida urbana ser agora reconfigurada para esse modelo industrial, ele não dizia respeito apenas as cidades. O historiador Eric Hobsbawm (2016) mostra que, com esse novo processo industrial, o campo também sofre suas alterações. Com o novo modelo industrial, a nova classe em ascensão também se concentrava nos campos, com uma forte concentração das terras. O autor diz:

[...] Uma relativa quantidade de proprietários com espírito comercial já quase monopolizava a terra, que era cultivada por arrendatários empregando camponeses sem terra ou pequenos agricultores. Um bocado de resquícios, verdadeiras relíquias da antiga economia coletiva do interior, ainda estava para ser removido pelos Decretos das Cercas (Enclosure Acts) e as transações particulares, mas quase praticamente não se podia falar de um “campesinato britânico” da mesma maneira que um campesinato russo, alemão ou francês. [...] (Hobsbawm, 2016, p.29)

Sendo assim, podemos analisar uma concentração muito grande dos meios de produção nas classes que agora controlavam a economia, pois tanto as indústrias quanto as terras produtivas rurais estavam cada vez mais concentra nas mãos de determinados grupos. O sociólogo alemão Friederich Engels (2010) faz um trabalho minucioso sobre a situação dos operários durante esse processo de industrialização, demonstrando como acontece esse processo de concentração de renda e divisão entre as classes. Engels diz:

A divisão do trabalho, a utilização da força hidráulica, especialmente do vapor, e sobretudo a maquinaria, eis as três grandes alavancas com as quais, desde a

metade do século passado, a indústria faz avançar o mundo. A pequena indústria criou a classe média, a grande indústria criou a classe operária e colocou no trono uns poucos eleitos da classe média – mas o fez somente para, mais tarde, seguramente destroná-los. no entanto, é um fato inegável e facilmente explicável que a numerosa pequena burguesia dos “bons e velhos tempos” foi destruída pela indústria e decomposta, por um lado, em ricos capitalistas e, por outro, em pobres operários. (Engels, 2010, p.64)

Além disso, o autor também argumenta que a centralização industrial não para apenas nos meios de produção, sendo que tudo nessa configuração social burguesa faz parte do capital, o que também inclui os operários. Sendo assim, por necessitarem viver em função do trabalho, começam a surgir pequenas vilas ao lado das fabricas. Com isso, podemos observar que a concentração de renda advinda desse desenvolvimento do capitalismo não atinge apenas níveis econômicos, mas também os níveis sociais. Os impactos causados pela concentração de renda são nítidos na vida dos operários, sejam os das fabricas ou os de mineração e ferroviários.

Seguindo essa discussão sobre a concentração de renda nos burgueses, Engels (2010) analisa a situação dos bairros onde esses trabalhadores moravam, os chamados “bairros de má fé” onde os trabalhadores da cidade habitavam. A partir desse momento, Engels (2010) argumenta como o progresso industrial veio às custas de um sacrifício da própria condição de dignidade humana, que, segundo o sociólogo, chega a “revoltar a natureza”, visto que as condições de vida dos trabalhadores que viviam naquele contexto eram condições que degradavam a dignidade. Engels discorre sobre a questão do individualismo notório na modernidade, que agora afastava os indivíduos mesmo que os colocasse em um único espaço: a cidade. O autor diz:

[...], entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum, como se nada estivessem a realizar uma com a outra e entre elas só existe o tácito acordo pelo qual cada uma só utiliza uma parte do passeio para que as duas correntes da multidão que caminham em direções opostas não impeçam seu movimento mútuo – e ninguém pensa em conceder ao outro sequer um olhar. Essa indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no terreno de seu interesse pessoal é tanto mais repugnante e chocante quanto maior é o número desses indivíduos confinados nesse espaço limitado; e mesmo que saibamos que esse isolamento do indivíduo, esse mesquinho egoísmo, constitui em toda a parte o princípio fundamental da nossa sociedade moderna, em lugar nenhum ele se manifesta de modo tão impudente e claro como na confusão da grande cidade. [...] (Engels, 2010, p.69)

Sendo assim, definimos o panorama em relação ao início da Revolução Industrial, com seu surgimento fazendo parte de um processo de reconfiguração social em que agora os nobres do antigo mercantilismo foram substituídos pelos burgueses do

capitalismo industrial. E essa configuração não apenas muda as ideias econômicas, como também a maneira que a sociedade (principalmente a inglesa, em primeiro momento) vai se comportar enquanto coletivo.

Com esse avanço da dominação burguesa, alguns autores citados acima irão pontuar como agora, nesse novo modelo de sociedade, o lucro será o único horizonte de muitos, principalmente entre os investidores, como argumenta Hobsbawm (2015). Sendo assim, a economia moderna acaba trazendo uma massificação dos trabalhadores. Nesse sentido, aflora a luta de classes descrita por Karl Marx (2005), partindo do pressuposto de que os interesses da nova classe de capitalistas se chocavam com as ideias dos trabalhadores. Não tardaria para que movimentos de reivindicação social passassem a fazer parte desse novo contexto moderno.

2.2 Os movimentos sociais

Por causa dos Opressores de Albion em cada cidade e vila... Eles obrigaram o pobre a viver com uma côdea de pão por artes suaves e manhosas. Reduzem o homem a miséria, depois lhe dão com pompa e cerimônia: A prece a Jeová é cantada por lábios com fome e sede. (Thompson, 2004, p.59)

Com o avanço das novas condições de vida em que se encontram boa parte dos operários, não tardou para que surgissem movimentos de reivindicação nesse novo contexto social. Eles não se iniciam em um dia, mas são frutos de um longo processo; processo esse que podemos dizer que se inicia na mudança causada pelo trabalho.

Após a industrialização e o contato primário do povo inglês com o que alguns estudiosos chamam de “tragédia”, surgiam novas demandas no campo do trabalho. Agora, o trabalho artesanal e sazonal precisava ser reconfigurado e, em alguns casos, substituídos. Então agora, era necessário atrair os trabalhadores para que deixassem de lado a vida campesina e adotassem o novo modelo industrial de vida.

Desse modo, a “arma” utilizada para atrair os novos trabalhadores era a própria condição econômica do sistema novo. Foi “criada” uma condição de vida desfavorável no campo, para que assim o trabalhador camponês não tivesse escolha a não ser o êxodo do campo para a cidade. Esse processo, segundo Hobsbawm (2016), se deve às leis de cercamento que começaram a vigorar na Inglaterra e no País de Gales. Essa nova lei criava direitos de propriedade sobre terras que antes eram de uso comum, que

funcionavam na lógica de servidão e vassalagem de épocas medievais. Ao consultar a lei da cercamento no *site* do parlamento inglês, a lei está disposta da seguinte forma:

Na época medieval, a agricultura era baseada em grandes campos, conhecidos como campos abertos, nos quais camponeses de maneira individual ou arrendatários cultivavam faixas dispersas de terra. Desde o século XII, no entanto, as terras agrícolas foram fechadas. Isso significava que as participações eram consolidadas em campos de propriedade ou alugadas. Normalmente, era visto como uma forma mais econômica de agricultura, e tornou-se cada vez mais comum durante o período Tudor. (Parliament, 2024, tradução livre)

Agora, com o fluxo de trabalhadores indo para a cidade e inflando os bairros de operários, surgia um novo problema: a demanda de mão-de-obra que trabalhasse de maneira ininterrupta durante os dias. Diferente do antigo modelo de trabalho sazonal, era necessário que os trabalhadores fossem todos os dias às fabricas, e não mais apenas trabalhassem para receberem dinheiro quando fosse necessário, além de afetar outros costumes do trabalho camponês, como a época do ano referente a colheita, o clima e outros fatores.

Isso fez com que surgisse o desprezo dos patrões das fábricas por esses trabalhadores, a quem eles chamavam de “preguiçosos”. A solução para esse problema de demanda novo ao capitalismo foi a criação de multas através da disciplina de mão de obra, que Hobsbawm (2016) atrela a uma herança escravocrata. Deu-se a criação de um salário mensal, que o trabalhador só receberia ao fim do mês e não mais ao final do dia. Por fim, a criação de salários irrisórios, o que forçava o trabalhador muitas vezes a trabalhar mais do que o costume. É essa situação de exploração e essas movimentações políticas que levam os trabalhadores a começarem processos de revolta que, mais tarde, dariam vida a movimentos políticos mais articulados, como movimentos comunistas, anarquistas, sindicalistas, entre outros.

O historiador Edward Thompson (2004), no primeiro volume do seu trabalho *A formação da classe operária*, faz um estudo de como acontece a formação da classe operária no contexto industrial por uma perspectiva cultural. Em seu livro, ele descreve atos que chama de “subpolíticas”, que influenciaram os operários no começo dos movimentos trabalhistas. O autor descreve com esse termo devido ao fato de que esses movimentos, apesar de muitas vezes espontâneos, não eram originalmente causados por um ímpeto político de resistir, mas sim geralmente atreladas à criminalidade.

Outra influência ao movimento operário é o que o historiador chama de “direito de nascimento do inglês”, junto também com o movimento de quebra das máquinas que foi o início do movimento operário no contexto industrial. Sendo assim, de início, os trabalhadores não se organizavam em modelos sindicais, mas sim cometiam atos criminosos como maneira de resistência ou de rebelião contra as condições de trabalho e de vida. Essa forma de protesto, considerada por alguns como rudimentar e inconsistente, vem do fato de que os trabalhadores apresentavam uma resistência ao novo modelo de moralidade proposto pelos burgueses em seu novo modo de sociedade. No contexto capitalista, crimes contra o patrimônio eram julgados com muito mais severidade que outros crimes, como por exemplo crimes contra a vida. Nesse sentido, Thompson (2004) descreve como as camadas populares acabavam criando leis próprias e um código de leis não ditos. Sobre as penas em crimes contra o patrimônio, o historiador diz:

Não era (e essa é uma ressalva importante) o juiz, mas sim a legislatura, a responsável pela aprovação cada vez mais frequente de penas capitais para os crimes contra a propriedade: nos anos entre a restauração e morte de Jorge III, o número de delitos capitais subiu para 190 – mais que 1 por ano, somaram-se 63 deles entre 1760 e 1810, punia-se com a morte, não só o pequeno roubo mas as formas primitivas de rebelião industrial – a destruição de um tear de ceda, a derrubada de cercas quando se deu o fechamento das terras comunais, o incêndio de moendas de trigo [...] (Thompson, 2004, p.63)

Podemos perceber, então, o início do que viria a ser o movimento operário, com os trabalhadores começando a se rebelar de maneira criminosa ao novo modelo de propriedade da sociedade capitalista, no qual eles estavam em desvantagem. Um movimento descrito acima, considerado como um dos principais inícios dos movimentos operários, é o ludismo (movimento de quebrar as máquinas). O historiador Eric Hobsbawm (2004), em seu livro *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*, faz uma análise sobre esses movimentos no capítulo *Os destruidores de máquinas*. O historiador considera esse movimento “sem propósito e frenético”, visto que era um movimento sem organização propriamente dita, que fazia com que os trabalhadores lutassem contra o inevitável: a tecnologia a vapor das fábricas. Lutar contra opressão não poderia se igualar a lutar contra a tecnologia, por mais trágica que ela fosse. Porém, ainda que represente um movimento desorganizado e embrionário, ainda assim tem um peso muito forte na influência que teve nos movimentos sindicais. Sendo assim

é necessário estudá-lo, apesar de que o historiador o considerar pouco eficaz em termos de resultado.

Avançando um pouco no tempo, os trabalhadores passam a deixar de lado a desordem do motim e do ludismo para se organizar. Em 1824, os operários ganham o direito de se organizar em associações. Essas organizações sociais rapidamente ganharam espaço em toda a Inglaterra, e em todos os ramos do trabalho foram constituídas organizações semelhantes a essas. Seu objetivo principal era o de proteger os operários contra a exploração que eles estariam sofrendo nas grandes indústrias. Sobre esses movimentos, Engels (2010) diz:

Eram suas finalidades fixar o salário, negociar *en masse*, como força, com os patrões, regular os salários em relação aos lucros patronais, aumentá-los no momento propício e mantê-los em todas as partes no mesmo nível para cada ramo de trabalho; por isso, trataram de negociar com os capitalistas uma escala salarial a ser cumprida por todos e recusar empregos oferecidos por aqueles que não a respeitassem. Ademais, outras finalidades eram: manter o nível de procura do trabalho, limitando o emprego de aprendizes e, assim, impedir também a redução dos salários; combater, no limite do possível, os estratagemas patronais utilizados para reduzir salários mediante a utilização de novas máquinas e instrumentos de trabalho etc.; e, enfim, ajudar financeiramente os operários desempregados. (Engels, 2010, p.251)

Essas associações propriamente ditas ainda não eram sindicatos, porém teriam funções próximas de um. Elas funcionavam da seguinte maneira: se um patrão, por exemplo, se recusasse a pagar o salário fixado pela associação, o grupo então o procuraria com uma delegação ou enviaria uma petição sobre o caso. Se esses avisos não apresentavam resultado e o patrão continuasse recusando o pagamento do salário, a associação ordena a suspensão do trabalho nessa indústria em questão.

Existiam então duas espécies de suspensões operárias na Inglaterra: a suspensão parcial, que acontecia quando um único patrão se recusava a pagar o salário fixo; e a suspensão geral, que é quando essa relutância ao salário vem de todos os patrões de um determinado ramo. Isso era um dos meios legais de reivindicação encontrados pelas organizações operárias em meio ao problema de exploração. O grande empecilho desse movimento era que nem sempre todos os trabalhadores faziam parte das organizações e, muitas vezes, os patrões encontravam meios de contornar as paralisações dos operários. O trabalhador industrial passou pelo processo de mudança dentro das fábricas para que se encaixasse no novo modelo de trabalho e respondesse ao estímulo

monetário, sendo assim, quando os operários faziam paralisações, os donos das indústrias chamavam outros trabalhadores para trabalhar no lugar.

Mais tarde, o operário tem de lidar com outras maneiras de exploração – como é citado por Engels (2010), por exemplo, com a chegada do Fordismo –, trazendo uma nova maneira de produzir nas fábricas que vai afetar o trabalhador. Além disso, Engels se preocupa em pontuar que algumas correntes radicais dos movimentos operários podem ter sido prejudiciais para o contexto operário, não representando a vontade de todos os trabalhadores. Ao olhar para os movimentos operários, é importante que se note a suma necessidade de união e consciência de classe entre os trabalhadores. Os operários necessitam dessa união entre o movimento para que assim consigam ter êxito. É interessante analisar como a arte vai muitas vezes expressar essa necessidade de união, mostrando histórias nas quais a união leva à força, e a força traz a vitória dos trabalhadores sobre a exploração.

Assim ganha força o movimento operário. Como podemos ver, os trabalhadores começam com turbas e motins, com movimentos desorganizados e com a revolta sendo o único desencadeador para movimentação de alguns dos trabalhadores. Porém, com o passar do tempo, esses movimentos operários vão ganhando forma e ideologia. Muitos não tinham necessariamente um cunho político revolucionário, exigindo apenas melhores condições de vida e trabalho. Porém, nada disso torna um a luta menos relevante em termos sociais.

Fazendo um comparativo para ilustrar esse tópico, podemos falar sobre *O Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friederich Engels (1998), no qual o sociólogo Karl Marx argumenta que não existe diferença entre o movimento comunista revolucionário e o movimento operário em si, sendo que devemos levar em consideração que os comunistas fazem parte dos trabalhadores. Sobre essa questão, o autor diz:

Os comunistas se distinguem dos outros partidos operários somente em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente de sua nacionalidade; 2) nas diferentes fases de desenvolvimentos que passa a luta entre proletários e burgueses, representam sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto. (Marx; Engels, 1998, p.51).

Nesse sentido, quando paramos para entender um panorama político nesses movimentos, ainda que desorganizados no começo, podemos compreender que, ainda assim, existia uma política ali inserida, inclusive com envolvimento de partidos e

organizações sindicais de esquerda. Porém, com o tempo, esses movimentos passam a se expandir, não apenas em greves e paralisações, mas envolvendo outros aspectos sociais da nova realidade. Várias artes começam a fazer parte desse novo contexto, tecendo críticas e ensaios sobre a dificuldade e a tragédia da modernidade. Não demorou muito para que os trabalhadores quisessem ver os seus movimentos e suas turbas nas páginas dos jornais.

No próximo tópico, abordaremos a questão dos jornais que nasceram e trataram de falar sobre os acontecimentos do ponto de vista popular, além de também oferecer algum tipo de formação política para os seus leitores alvo, que eram, em maioria, trabalhadores e camponeses.

2.3 Os anarquistas e o movimento operário

Dentro dos movimentos e das teorias que nascem após a Revolução Industrial, uma das ideias mais presentes nesse momento são as anarquistas. Assim como seu irmão – o marxismo –, o anarquismo tentou, através de uma análise dialética e materialista, propor uma análise histórica que compreendesse de fato a luta de classes. Fazendo um panorama histórico, podemos entender que explicar a origem das ideias anarquistas acaba sendo demasiadamente complexo, visto que, como afirmava o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin (1903), o anarquismo não nasce de nenhuma ciência ou escola filosófica, e sim nasce das pessoas.

O historiador canadense George Woodcock faz um estudo completo sobre as ideias e o movimento anarquista na história, além de sua relação com as lutas sociais em cada momento histórico em que ele se faz presente. Em seu trabalho *História das Ideias e Movimentos Anarquistas vol.1*, o autor faz uma genealogia do início das ideias anarquistas, expondo as origens do movimento em seu nascimento e desenvolvimento. Sobre o nascimento do anarquismo, o autor diz:

O anarquismo é uma doutrina inspirada e dominada pelo paradoxo, e é por isso que, embora teoricamente rejeitem a tradição, seus defensores estejam sempre tão preocupados com a linhagem da sua doutrina. Essa preocupação tem origem na ideia de que o anarquismo é uma manifestação dos anseios naturais do ser humano e que a tendência a criar instituições autoritárias é que seria uma aberração temporária. (Woodcock, 2007, p.38)

Seguindo por este percurso, o autor passa então a explicar o que outros teóricos definiram como anarquismo ao longo da história. O mais extremado geologista do anarquismo é, segundo Woodcock (2007), Piotr Kropotkin. O geógrafo russo é um dos principais anarquistas de seu país durante o período do fim do czarismo e a revolução soviética, e foi um dos mais preocupados teóricos em fazer uma árvore genealógica para o anarquismo.

Kropotkin, em seu livro *Ciência moderna e anarquismo* (1903), argumenta que sempre existiram duas tendências no mundo. Essas tendências entrariam em conflito ao longo da história, fazendo com que os homens acabassem em conflitos, um conceito semelhante ao do termo “luta de classes”. O autor russo diz que, desde o início existiam duas tendências na humanidade, de ação e conflito na sociedade. A primeira é a tendência à “ajuda mútua”, que o autor exemplifica com costumes de aldeias e povos que ele determina usando o termo “tribais” ou guildas medievais, que funcionavam sem necessidade de leis, sendo mantidas apenas pelo que o autor chama de “espírito criativo das massas”. A outra é a tendência autoritária, que o autor atrela no início aos magos, bruxos, feiticeiros, oráculos e sacerdotes. Essa tendência em dominar e ser autoritário, segundo Kropotkin (1903), vai passando pela história até chegar aos chefes militares e aos chefes de estado.

O autor afirma que existe o povo, que tem solidariedade, criatividade, desejo verdadeiro de crescer coletivamente; e existem os dominantes, que são parte da humanidade que tende a oprimir e manter privilégios através da força. Desse modo, sempre existiram anarquistas e partidários do Estado. Ao longo do tempo, o anarquismo seguiu como ideia política organizada. Perdeu-se aquele conceito básico de que era uma ideologia de desorganização e começa a tomar forma como ideologia dialética que, mais tarde, influenciaria grande parte dos movimentos dos trabalhadores.

Nascendo como ideologia entre os jovens hegelianos de esquerda, Proudhon foi o primeiro homem a se dizer anarquista de fato (WOODCOCK, 2007), definindo o que seria o anarquismo para ele: não uma forma de lutar de maneira desorganizada, mas sim uma corrente de socialismo, uma ideologia popular que visava uma nova configuração econômica e social, mas que, dessa vez, fosse igualitária. Com isso, não demorou para que os anarquistas falassem para as “organizações produtivas”, ou seja, os trabalhadores, que passassem a participar de seus motins e protestos, para assim reivindicar suas demandas. Ou, nas palavras de Bakunin: “se aproximar ao máximo da emancipação das massas operárias” (2024).

Esse movimento começa a ganhar muita força ao longo dos anos em que se desenvolve o capitalismo, ganhando uma nova forma de analisar os movimentos sociais e as massas trabalhadoras. É assim que surge o chamado internacionalismo, no qual os anarquistas passaram a se preocupar em ajudar mutuamente movimentos populares em vários lugares. Foi assim, então, que surgiram os anarquistas internacionalistas, que buscavam romper com a questão das fronteiras e aliar-se a movimentos populares e trabalhistas aonde fosse possível. Sobre isso, George Woodcock explica:

Primeira Internacional, através da ruptura com os marxistas após o Congresso de Haia de 1872, os anarquistas - quer seguissem Proudhon ou Bakunin - buscaram satisfazer suas aspirações internacionalistas em colaboração com socialistas de outras espécies. (Woodcock, 2006, p.8)

Com isso, não é de se espantar que o movimento anarquista como um todo se expandiu ao redor do mundo, com militantes e teóricos viajando pelos continentes em busca de apoiar mutuamente e de participar ativamente dos populares, chegando, durante o século XIX, na América Latina. Nas Américas, a situação de vida era prejudicada por outros motivos. Não eram mais as chaminés das fabricas que roubavam o sono do povo, mas sim as políticas colonialistas que faziam com que as condições populares não fossem diferentes. As colônias forneciam a matéria prima para o modelo industrial (HOBBSAWM, 2012) e, ainda assim, tinha polos industriais presentes em seu contexto, ainda que poucos. Sendo assim, as políticas das oligarquias europeias exploravam os trabalhadores.

Os movimentos anarquistas começam a ganhar algum espaço na América Latina por meio da chegada de imigrantes e dos avanços das organizações trabalhistas, que começavam a se organizar em sindicatos. Com isso, a influência da organização anárquica nesses movimentos foi muito grande. Sobre isso, Woodcock diz:

Os anarquistas logo tornaram-se ativos na organização de artesãos e operários da indústria em toda a América do Sul e Central, e até o começo da década de 20 a maioria dos sindicatos no México, Brasil, Peru, Chile e Argentina seguia uma organização geralmente anarcossindicalista; o prestígio da CNT espanhola como organização revolucionária foi sem dúvida grandemente responsável por essa situação. (Woodcock, 2006, p.211)

É inegável, então, a influência dos movimentos anárquicos na América Latina. O autor George Woodcock (2006) indica que essa corrente de anarquia influenciou até mesmo movimentos inteiramente latino-americanos, como por exemplo, a revolução

zapatista, que apesar de seguir um rumo diferente devido a seu contexto cultural mexicano, tem suas qualidades anárquicas.

O anarquismo foi muito presente em todo movimento trabalhista da América Latina; e no Brasil, não foi diferente. Tendo um marco histórico nos sindicatos e organizações operárias e camponesas de todo o país, o anarquismo tomou rumos diferentes de alguns outros lugares no território brasileiro. Aqui, dentre vários outros tipos de organização, foi muito comum a presença dos chamados jornais operários, que divulgavam informações para os trabalhadores de maneira enviesada, que atendesse a uma narrativa referente aos interesses populares em sua maioria.

Na primeira metade do século XX, esses jornais tiveram um grande papel nas organizações populares, fazendo, em maioria, o trabalho de panfletagem das ideologias anárquicas, além de divulgar reuniões e outros eventos que marcavam os movimentos sociais da época. O movimento anarquista é, segundo Kropotkin (1903), uma ideologia que existe desde a Idade da Pedra, mas passa a se tornar uma forte corrente socialista a partir do século XIX, quando, através das organizações internacionais e de seu avanço enquanto teoria materialista-histórica, chega a várias partes do mundo com a ideia de que a humanidade é uma só, subordinada a mesma condição, e que, pelo menos em teoria, todos os homens deveriam ser iguais.

3 IMPRENSA E MILITÂNCIA NO BRASIL

No Brasil, o início das movimentações políticas dos trabalhadores ocorreu em um contexto diferente do cenário europeu, não apenas por se tratar de um contexto cultural distinto, mas também porque, em termos de industrialização, o Brasil ainda não havia iniciado um processo robusto de desenvolvimento da indústria. Apesar de existirem polos industriais em algumas regiões, principalmente em cidades de capital (como São Paulo), durante muito tempo houve uma presença rural muito forte no Brasil, com os antigos barões e viscondes do império sendo substituídos pelos grandes coronéis e outras milícias do interior.

Após o fim do período da escravidão com a Lei Áurea de 1888, o Brasil passa a receber um volume grande de trabalhadores camponeses, fruto de políticas de incentivo migratório feitas pelo governo brasileiro da época. Esses imigrantes vinham de algumas partes da Europa e até mesmo do Oriente (como o Japão) e, então, iniciaram os trabalhos nas lavouras brasileiras. A historiadora Christina da Silva Roquette Lopreato (1996), ao estudar o início desses movimentos em território nacional, comenta sobre um fenômeno social marcado pelo “ranço escravocrata”, no qual os patrões das plantações de café ainda lidavam com os trabalhadores assalariados da mesma forma com que lidavam com os cativos durante a época da escravidão. A autora afirma:

[...] o tratamento dispensado ao trabalhador livre europeu, que veio substituir o negro-escravo nas fazendas de café, ainda guardava um forte ranço escravocrata. Submetidos a uma exploração aviltante no trabalho e vivendo em precárias condições de vida, muitos desses imigrantes acabaram se rebelando contra o patronato agrícola e retornaram aos seus países de origem. Outros, deslocaram-se para a cidade de São Paulo onde ingressaram na ainda incipiente atividade industrial, constituindo a primeira geração de operários fabris. (Lopreato, 1996, p.1)

Com essa situação sendo colocada aos trabalhadores, não demorou para que comesçassem a surgir movimentos políticos dos trabalhadores e até organizações que fossem em um modelo próximos das organizações sindicais – tanto os que trabalhavam em prol dos camponeses (que eram maioria), quanto os que se movimentavam em prol do trabalhador operário, que também passou a ser explorado de forma violenta pelos grandes burgueses do país.

Rodrigo Janoni Carvalho (2011), em seu artigo *Vida e trabalho dos operários brasileiros na passagem do século XIX para o XX*, aborda como era a situação de vida do operário brasileiro. Os operários moravam, em suma, em bairros desvalorizados e cheios

de cortiços. O autor aponta, inclusive, que, segundo o jornalista Luiz Edmundo, a moradia dos operários era “o maior ultraje às leis e posturas municipais”.

Além disso, o autor Claudio Batalha (2000), em sua obra *O Movimento Operário na Primeira República*, aponta que o operário no início do século XX atingia uma carga horária de 14 horas de trabalho no Distrito Federal¹ e 16 horas em São Paulo. Outro detalhe que chama a atenção para a condição das fábricas é o fato de que eram empregadas mulheres e crianças, principalmente no setor têxtil, onde a porcentagem de mulheres empregadas era de 58% em São Paulo e 39% no Distrito Federal, onde a produção têxtil, segundo o autor, era menor. Diversas formas de militância surgem com o tempo em que as organizações dos trabalhadores começam a surgir – greves, motins, protestos. etc. Um veículo muito importante para a formação política dos trabalhadores urbanos foram os jornais operários.

3.1 A imprensa operária no Brasil

Ao nos debruçarmos sobre a história da imprensa operária no Brasil, um nome é muito presente nos estudos que comentam sobre esse fenômeno: o autor Astrojildo Pereira, um dos nomes mais engajados no início do movimento operário nacional. Ele foi um ativo anarquista presente em diversos momentos como liderança política de destaque, tendo participado de projetos políticos nacionais como o II Congresso Operário Brasileiro e a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922. Além do engajamento, Pereira é um responsável por compilações importantes a respeito dos primeiros jornais e panfletos socialistas brasileiros. A partir de suas anotações, então, é possível mapear o desenvolvimento da imprensa operária no país, sinalizando não apenas uma mudança ideológica (com a presença de ideias socialistas e anarquistas), mas uma reorganização da própria esfera pública dominada pelos grandes veículos.

Em uma palestra que posteriormente se tornaria um artigo chamado *A imprensa operária no Brasil* (2022), Astrojildo Pereira faz um panorama histórico, contando o início do surgimento de periódicos operários e a maneira que eles eram publicados. Essa palestra aconteceria em uma conferência na Associação Brasileira de Imprensa, promovido pelo Movimento de Auxílio a Tribuna Popular (MATP) para

¹ Claudio Batalha usa o Termo “Distrito Federal” para se Referir ao Rio de Janeiro que durante a época da Primeira República foi a capital do Brasil.

levantar fundos para a imprensa operária no momento. O autor afirma que o jornal mais antigo do movimento operário era intitulado *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, publicado em Niterói a partir de 1º de agosto de 1845 que, logo em sua primeira edição, já diz qual seu objetivo: ajudar a propagar o progressismo no mundo. Sobre isso o autor diz:

O vocábulo – Socialista – Sob cuja a denominação sai hoje à luz a nossa folha, define exuberantemente o objetivo principal com que ela é publicada: a conservação e a melhora do pouco de bom que existe entre nós; a extirpação de abusos e vícios provenientes da ignorância, falsa educação e imitação sem critério; a introdução de novidades do progresso universal; enfim, todo o aperfeiçoamento suscetível a sociedade, provincial, nacional e universal, quer uma parte moral quer uma parte material, em que naturalmente está dividida a morada humana no mundo tereno. Assim pois o *Socialista* tratará de agronomia prática, economia social, didática jacobista, política preventiva e medicina doméstica, e sobretudo do Socialismo, ciência, novamente explorada, da qual basta dizer que seu fim é ensinar os homens a se amarem uns aos outros.” (Pereira, 2022, p.82)

O periódico, então, define que seu norte será não apenas informar os trabalhadores sobre atualidades, como se espera de jornais e periódicos, mas fazer uma verdadeira formação política do povo, tentando versar o trabalhador não apenas em conteúdos sobre socialismo, mas também ensinando conhecimentos cotidianos que poderiam ajudar os trabalhadores em situações de adversidade, como é o caso da agricultura e da medicina caseira, partindo do princípio de que, nessa época, não havia um sistema único de saúde pública.

Porém, o jornal só teve três edições lançadas em Niterói, com a sua interrupção acontecendo por motivo desconhecido. Desse momento em diante, o autor passa a comentar sobre outros jornais em diversas áreas do país e como cada um se manteve firme a sua proposta de levar discursos progressistas até as camadas populares de trabalhadores. Astrojildo Pereira (2022) cita o periódico *O Progresso*, que levava uma forte influência de autores como Saint-Simon, Fourier e Owen, publicado em Recife, demonstrando a presença da ideologia socialista no campo político, ainda que de modo bastante discreto diante dos grandes partidos e blocos ideológicos da época. E então comenta sobre o primeiro jornal realmente operário com o título *O Jornal dos Tipógrafos*². O periódico era feito por operários e não por autores e jornalistas anarquistas e socialistas. O jornal nasce com o objetivo de divulgar a greve dos tipógrafos.

² Tipógrafos eram as máquinas de impressão da época. Para fazer a impressão era necessário que um indivíduo operasse máquina de forma manual. Então surgem os operários gráficos.

Os operários tipógrafos que trabalhavam para os jornais *O Diário do Rio de Janeiro*, *O Correio Mercantil* e *o Jornal do Comércio* haviam pedido um aumento em seu salário que Astrojildo Pereira (2022) define como pequeno, e os patrões dos jornais, após um mês de protelação, acabaram negando o pedido dos trabalhadores, que então anunciaram uma greve dos operários gráficos. Sobre isso o autor diz:

No dia seguinte, 9 de janeiro, nenhum jornal saiu a rua. Mas os grevistas não se limitaram a abandonar as oficinas onde trabalhavam. Não: reuniram-se, recorreram a todos os recursos disponíveis e resolveram publicar seu próprio jornal. Era seu intuito não deixar o público em falta e ao mesmo tempo utilizar o novo órgão como instrumento de defesa na luta que haviam iniciado. Saiu assim o 1º número do *Jornal dos Tipógrafos* no domingo, 10 de janeiro de 1858. (Pereira, 2022, p.83)

Esse jornal, por sua vez, já tinha um caráter menos intelectual e mais enérgico, contendo mais palavras de ordem e insurgindo aos leitores a “guerrear por todos os meios legais”, utilizando o que fosse preciso para que seus objetivos na greve fossem atendidos pelos patrões. O periódico acabou sufocado por forças estatais depois de sessenta publicações, em um intervalo de dois meses. A greve acabou sem os resultados esperados, porém ainda representa um grande marco na história das greves operárias.

O autor então segue para falar de suas experiências pessoais. É notável, segundo ele, entender a participação dos movimentos anarquistas sobre a imprensa operária. A influência dos anarquistas cresce de maneira considerável no movimento operário após o Congresso Operário de 1906, tendo uma forte presença em São Paulo, onde os jornais anarquistas foram os mais presentes no cotidiano dos trabalhadores operários. Nomes como *A Guerra Social*, *La Battaglia*, *Terra Livre*, *A Lanterna* e outros foram os primeiros jornais anarquistas que nasceram em São Paulo e foram de muita influência no contexto operário.

Vários outros jornais nasceram nessa época, porém eram menores, publicados em escala mais local e Astrojildo Pereira (2022) constata a falta de fontes para afirmar qualquer informação que seja desses periódicos; além, é claro, de sua raiz anárquica. Também existiram alguns jornais comunistas que, baseando-se nos ensinamentos de Marx, Lenin e Engels, articulavam a teoria política à revolução social, ocupando também seu espaço na luta operária. *A Classe Operária* é o jornal comunista mais conhecido da época dos periódicos, sendo organizado pelo próprio PCB para divulgar as ideias do partido.

Sendo assim, os jornais operários ocuparam um grande espaço na história das reivindicações políticas dos trabalhadores brasileiros. Não se trata apenas de fazer uma panfletagem política, mas também de uma preocupação com a formação política do proletariado, contextualizando as lutas sociais dos operários e como eles poderiam se entender melhor com uma formação social e ideológica.

3.2 Os aliados do povo

Tendo uma base histórica mais firme para entender os jornais e suas funções, o trabalho pode então seguir para fazer uma análise própria de alguns deles. Para isso, foi feita a seleção de alguns jornais para que fossem apresentados no presente texto, fazendo assim o recorte histórico e regional.

A começar, temos o jornal *O Amigo do Povo*, de 1902, publicado na cidade de São Paulo nos dias de sábado. Ao analisar os documentos, podemos perceber logo de início o caráter formativo do periódico. Diferente de outros jornais que carregam reportagens sobre acontecimentos cotidianos comuns, o jornal é recheado de textos de reflexão com palavras de ordem sobre progressismo.

Os textos e artigos desses periódicos se atentam a explicar ao leitor conceitos básicos sobre quais eram as reivindicações dos socialistas que ali publicavam, com diversas crônicas, textos e artigos fazendo reflexões sobre a situação do homem naquele momento da história. Na segunda e na décima edição há dois textos diferentes, porém com o mesmo título, carregando o nome “*O que queremos*”. Os materiais discutem como a história do homem foi prejudicada no momento em que a sociedade deixa de lado a “solidariedade e a associação” para que visse o que deveria ser seu igual como um inimigo. Trata-se de uma visão parecida com a proposta de anarquistas como Kropotkin (1903), que fala sobre a formação da competição nas sociedades humanas.

O jornal, apesar de seu tom formativo, também traz informações sobre movimentações operárias no momento da publicação, como, por exemplo, um artigo intitulado *Boycotagem*, momento em que o jornal fala com os leitores sobre o boicote a fábrica de chapéus Matanò Serricchio & C.A, porém não especifica qual o motivo do boicote, dizendo apenas que os operários ali foram lesados por algum motivo.

Interessante reparar como a maioria dos textos contidos neste e em outros periódicos operários costuma usar uma forte carga emocional em suas afirmações, utilizando frases de ordem marcantes e que procuravam inflamar os leitores com um

desejo de participar do movimento político operário. Um exemplo é o jornal *A Plebe*, com forte cunho anarquista, que inicia seu periódico pedindo vingança pelo assassinato de Francisco Ferrer, o fundador da chamada Escola Moderna, uma escola de formação anarquista fundada na cidade de São Paulo, situada na Av. Celso Garcia, inspirada nos ideais de anarquistas espanhóis.



Figura 1: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/458482bf-6e08-47c2-8017-a1769614e2d4>.

Essa estratégia foi uma forma de incentivar os trabalhadores a participarem de insurreições, compreendendo a revolução socialista como uma questão moral e trazendo a justiça do mundo aos exploradores e patrões como alguns textos dos periódicos afirmam. Os veículos da imprensa operária despertavam uma paixão, mas uma paixão pelo progressismo, denunciando as formas de exploração do proletariado por meio da construção de uma consciência política de classe. Nesse sentido, também é notável a presença de alguns artigos escritos em línguas estrangeiras. Devido ao alto volume de imigrantes na época, muitos jornais optavam por escrever artigos em outros idiomas. Essas características ressaltam a internacionalização das lutas proletárias, bem como a circulação de ideias formativas do conflito social e da consciência de classe (Hardman, 2012). Em São Paulo era comum ver artigos em italiano nos periódicos operários. Mas também havia alguns a ser encontrados em espanhol.

Essa característica é muito presente em jornais e periódicos paulistas, mas e em outras partes do país a situação poderia ser parecida? É então que nos debruçamos sobre o periódico *A Voz do Trabalhador*, publicado por trabalhadores do Rio de Janeiro e falando sobre o movimento operário. Esse periódico foi um veículo de propaganda da

Confederação Operária Brasileira, primeira central sindical do Brasil. A plataforma online Mundos do Trabalho, que disponibilizou o periódico digitalizado por completo, faz uma apresentação interessante sobre a história desse periódico, citando o estudo feito sobre ele pelo jornalista Audálio Dantas. O artigo traz a seguinte citação:

A Voz do Trabalhador foi um veículo de propaganda da Confederação Operária Brasileira (COB), primeira central sindical do país, de origem sindicalista revolucionária. O periódico sobreviveu ao tempo graças ao projeto da Imprensa Oficial de São Paulo, que em conjunto com o Centro de Memória Sindical, o Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, e o Arquivo Edgard Leuenroth, encadernou os fac-símiles no ano de 1985. Segundo consta em sua apresentação, "do conjunto de 278 páginas, 107 foram restauradas artesanalmente, isto é, letra por letra, palavra por palavra. (Dantas apud MUNDOS DO TRABALHO, 2024)

O jornal foi então o primeiro veículo reconhecido dessa organização central dentro do sindicalismo brasileiro e vai apresentar as pautas e as demandas dos sindicatos dos trabalhadores, trazendo discussões e formações sobre as demandas dos trabalhadores em geral, como por exemplo a jornada de trabalho de no máximo oito horas, para que todos os trabalhadores tivessem ciência que era uma demanda geral a outros operários.

Esse periódico não apenas se preocupava em falar sobre as demandas dos operários brasileiros, falando também sobre o problema de operários de outros países, mostrando uma influência internacionalista muito forte dos responsáveis pela propaganda sindical. Logo na primeira edição, datada no dia 1 de julho de 1908, o jornal já apresentava uma coluna chamada “De Além-fronteiras”. Nessa coluna, o jornal oferece um texto informativo sobre a questão agrária na Itália, falando sobre conflitos agrários na região de Parma. A matéria afirma que o governo italiano, junto à burguesia, aumentou o preço dos grãos de forma considerável, porém os trabalhadores ali ainda eram muito refratários a questão das reivindicações, tendo posturas da qual o jornal parece discordar, afirmando com eles tem posturas que remetem ao passado e que não condizem com lutas e reivindicações atuais.

Porém, nem por isso o jornal deixa de admirar a coragem dos trabalhadores de Parma. A coluna também fala sobre telegramas recebidos pela editoria do jornal, mostrando que provavelmente a COB tinha uma rede de contato com militantes operários em diversos lugares do mundo, principalmente nos países que tiveram alto fluxo de imigração para o Brasil. Esses telegramas em questão, segundo o artigo, falavam de violentos conflitos entre grevistas e soldados, que em suma eram camponeses que cansaram de opressões severas do estado e passaram a responder a opressão do estado

também usando de violência. A coluna então se conclui informando que futuramente em outras edições essa situação seria abordada novamente de forma mais ampla, e segue então para falar sobre a situação de outros lugares, como na Argentina onde a coluna afirma receber uma mensagem da Federação Operária Regional Argentina (FORA)³.

Nesta mensagem, a Federação argentina as sociedades e organizações operárias da América do Sul haviam entrado em contato com organizações operárias da Europa e da América do Norte a fim de realizar um Congresso Operário Internacional com todas as organizações operárias presentes. A proposta internacionalista considerava que, segundo a coluna, não era apenas na Rússia e na Espanha que existe uma necessidade de se fazer uma organização revolucionária.

Não há nenhuma fonte que afirme se esse Congresso internacional de fato ocorreu, ou se ele tem alguma relação com as famosas “Internacionais Socialistas”. Ao olharmos para o “Dicionário Político” da plataforma Marxist.org (2024), vemos que ao todo foram três internacionais conhecidas. A primeira internacional, que durou de 1864 a 1876, foi sediada em St. Martin's Hall de Londres. Essa internacional teve participação de Karl Marx e outros intelectuais contemporâneos.

Também houve a “Internacional Bakuniana”, que durou de 1872 até 1877, realizada em Haya. Essa internacional que foi resultado da cisão na internacional anterior, com Bakunin sendo expulso da Federação anterior foi a que fez com que as ligas italiana, espanhola, jurassiana e francesa de operários se separassem das outras e adotassem de vez correntes anarquistas e seguissem fazendo suas programações na Suíça, separada dos demais.

Enfim, a segunda internacional que durou de 1889 a 1916, foi uma associação livre de partidos socialdemocratas⁴ e trabalhistas, dando espaço tanto para militantes revolucionários quanto para os chamados reformistas. Que acreditavam que o socialismo podia ser atingido com eleições e reformas no Estado de direito.

Houve outras internacionais socialistas, mas não tiveram o mesmo impacto dentro do contexto político internacional. Porém, já mostraram que, principalmente durante a época da URSS, tiveram grande influência nas tendências do movimento operário internacional e suas teorias acadêmicas. Porém em relação a essas

³ Em espanhol: Federación Obrera Regional Argentina

⁴ Apesar do nome os partidos socialdemocratas não eram os mesmos sociais-democratas que conhecemos hoje, esses partidos recebiam esse nome por serem progressistas, mas englobavam partes mais radicais da esquerda. Como explicava a professora Isabel Loureiro (2018) em sua aula sobre Rosa de Luxemburgo no curso de Teoria Revolucionária promovido pela editora Boitempo.

“internacionais” organizadas pelos trabalhadores, não parece haver nenhuma fonte que de fato ela aconteceu. Apesar disso, já demonstra de maneira interessante o cuidado que esses grupos já tinham com a organização, preocupando-se muito com o internacionalismo e com a derrota total do capitalismo.

Além da óbvia natureza política desses jornais, também é interessante observar que havia um certo para diversão e lazer, com alguns jornais que utilizavam charges de comédia e anunciavam alguns eventos para os assinantes. Como uma forma de dar aos trabalhadores algo que também durante um bom tempo foi pauta dos anarquistas e comunistas: o lazer.

Em um trabalho de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina, o autor João Gabriel da Costa (2019) faz uma análise breve dessa estrutura dos jornais que casam tanto a visão política quanto o direito dos trabalhadores ao lazer. O autor afirma:

Os elementos que costumam aparecer na estrutura dos jornais operários envolviam, então, um editorial que expressava uma visão da pessoa ou grupo responsável pela publicação; artigos de opinião social e política; notícias sobre as lutas sindicais, greves e entidades operárias; notícias sobre o cotidiano das entidades operárias, relatando os cursos, palestras, iniciativas, bailes, rifas, piqueniques, festivais etc. acontecidos no período; comentários, crônicas e piadas sobre fatos cotidianos de determinada categoria, local de trabalho ou, em geral, da classe trabalhadora; trechos de textos educativos traduzidos ou adaptados, sobre ciências, sociologia, história, ideologias políticas, etc.; charges; uma seção de cartas de leitores; anúncio e recomendação de livros; uma seção de assinantes e apoiadores financeiros do jornal, junto a um balancete financeiro; e propagandas comerciais. (Costa, 2019, p.109)

Esse lado mais descontraído por assim dizer da agitação política é facilmente encontrado em jornais como *A Voz do Trabalhador* que já em sua segunda opção apresenta um anúncio de uma peça de teatro no Centro Sindical dos Operários. Onde seria feito o chamado teatro revolucionário. Que eram peças de teatro focadas em personagens trabalhadores questionando os burgueses.

Uma peça que pode ser usada como exemplo desse teatro revolucionário é a peça *Greve dos Inquilinos*, do autor anarquista Neno Vasco (2018). Nessa peça, um grupo de operários se revolta com o aumento abusivo no aluguel onde moravam, e decidem se organizar contra o dono da propriedade onde moram, organizando uma greve e se recusando a pagar o aluguel. Esse texto foi publicado pela primeira vez no jornal *A Plebe* em 1917.

Sendo assim podemos concluir que os jornais operários tiveram grande participação no cenário operário brasileiro. Os veículos não serviram apenas como panfletos para ideias políticas, mas também ajudaram os trabalhadores operários a entenderem o que seria de fato uma revolução sindicalista e socialista. Uma revolução que traria com o progresso uma nova configuração social que deveria acabar com a exploração do homem pelo homem. Esses jornais não têm importância histórica apenas dentro dos movimentos sociais políticos aos quais eles fazem parte, mas a todos que estudam a história social, visto que eles mostram, de maneira muito clara, como todos os indivíduos são personagens históricos e são afetados diretamente pelas mudanças que advém dos acontecimentos políticos e sociais da época.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XX se mostra claramente como uma época de mudanças tortuosas no que se refere à sociedade e à cultura. Ao começar analisando o contexto europeu, considerando que a Europa geralmente é o foco para se entender o que se passava na conjuntura de arranque da sociedade industrial, pode-se perceber como a formação da modernidade implicava diversos conflitos e contradições envolvendo, por exemplo, as questões sociais (especialmente em relação às condições do trabalho e das classes trabalhadoras).

O capitalismo, que nasceu da industrialização da Europa a partir do final do século XVIII, substituiu o antigo mercantilismo, redefinindo várias configurações sociais da época para, então, atenderem às novas demandas da cultura burguesa. Assim, a antiga vida do campo foi gradativamente substituída, em um século de transformações, pelas angústias da urbanização. Diversos aspectos da cultura e das relações sociais foram mudados para se moldarem ao novo modelo de produção em massa.

Dessa reformulação da sociedade surgiram os movimentos operários, expressando a situação em que se encontravam os trabalhadores que migravam para a cidade. Vários autores, como Thompson (2004), Hobsbawm (2015) e Engels (2010), salientaram como a vida dos trabalhadores nas cidades era insalubre, visto que na nova condição social sua vida deveria ser apenas em prol do trabalho e com condições que não condiziam com o necessário para levar uma vida digna.

Com isso surgem os movimentos socialistas em várias partes da Europa, mas principalmente em Londres, com as novas configurações da sociedade e essas novas demandas sociais por reivindicação de melhores condições de trabalho e vida. Nesse contexto, os movimentos hegelianos de esquerda (tendo como principal nome Karl Marx) começam a dar vida a novos movimentos pela emancipação dos trabalhadores. Nesse contexto de redefinição dos conflitos sociais e aguçamento das desigualdades de classe, surgiram os movimentos operários comunistas e anarquistas, que por sua vez queriam uma nova reconfiguração social.

Essa nova reconfiguração visaria acabar com as desigualdades, partindo do princípio que era possível a construção de uma sociedade onde o trabalho coletivo poderia construir condições de vida mais saudáveis aos indivíduos. Desses movimentos, o anarquismo foi muito presente e influente nas movimentações populares, especialmente para a organização sindical de trabalhos do setor fabril nas grandes cidades industriais.

Esse movimento foi muito presente em diversos países também fora da Europa, como por exemplo no Brasil.

No Brasil, um interessante braço do movimento operário, que foi influenciado diretamente pelos anarquistas e em alguns casos por também comunistas, foram os jornais operários. Esses periódicos eram produzidos tanto por trabalhadores quanto por intelectuais socialistas que tinham como objetivo propagar suas ideias e suas reivindicações. Além de difundir notícias e temas caros ao movimento operário, os jornais também contribuíram para a formação de uma consciência política da exploração e das injustiças da sociedade capitalista.

O presente trabalho constatou que esses jornais operários tinham, sobretudo, uma natureza formativa. A imprensa, assim, era importante para o andamento dos movimentos políticos de esquerda, exigindo que os trabalhadores estudassem a teoria e o funcionamento social da política que era defendida por esses autores. Sendo assim, os jornais operários se preocupavam muito em fazer o leitor compreender conceitos, ideias e promover debates sobre o que seria uma sociedade progressista.

Esses jornais operários, além de discutir teoria e fazer debates constantes sobre valores e ideias de progresso, ajudaram a construir um campo para disputas ideológicas e lutas sociais em uma esfera pública que já passava a ser dominada pelos grandes grupos jornalísticos. Os jornais operários também muitas vezes abordavam outras coisas que englobavam o debate sobre a nova configuração social, como quando divulgavam peças de teatro, salões de dança etc. Os materiais discutiam também como o lazer também é de grande importância na qualidade de vida desses indivíduos.

O presente trabalho conclui que esses jornais tiveram um peso grande nos movimentos operários brasileiros, formando indivíduos, divulgando movimentações políticas e conectando o movimento brasileiro a outros movimentos internacionais. A imprensa operária, portanto, é uma importante fonte para compreender o funcionamento dos movimentos sociais brasileiros no início do século XX.

REFERÊNCIAS

A PLEBE. São Paulo, 7 set. 1907. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/458482bf-6e08-47c2-8017-a1769614e2d4>. Acesso em: 2 fev. 2024.

A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, 1 jun. 1908. Disponível em: http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/jornais_17.html. Acesso em: 4 fev. 2024.

_____. Rio de Janeiro, 15 jun. 1908. Disponível em: http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/jornais_17.html. Acesso em: 4 fev. 2024.

ARQUIVO marxista na Internet. Dicionário Político. As internacionais e suas antecessoras. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/i/internacional.htm>. Acesso em: 5 fev. 2024.

BAMBIRRA, Vânia. **A Revolução Industrial como um processo.** Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/bambirra/ano/mes/43.htm>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar.** Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Iorriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRESCIANI, Maria. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Tudo é história).

CARVALHO, Rodrigo Janoni. Vida e trabalho dos operários brasileiros na passagem do século XIX para o XX. **Pergaminho**, Patos de Minas, v.2, n.2, p.95-103, nov. 2011. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/article/view/4430>. Acesso em: 30 jan. 2024.

COSTA, João Gabriel da. **A educação em ciências naturais no jornal operário O Cosmopolita (1916-1918).** 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_80d7585afe0b9bffc205be37badbedad. Acesso em: 2 fev. 2024.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Tradução de: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão.** São Paulo: Editora UNESP, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**. 37.ed. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. **Os trabalhadores**: estudos sobre a história do operariado. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. **Ciência Moderna e Anarquismo**. 1903. Livro publicado por meio eletrônico. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/piotr-kropotkin-ciencia-moderna-e-anarquismo#toc10>. Acesso em: 20 jan. 2024.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O espírito da revolta**: a greve geral anarquista de 1917. 1996. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1583920>. Acesso em: 1 mar. 2024.

PEREIRA, Astrojildo. A imprensa operária no Brasil. **Revista Novos Rumos**, Marília, n.18/19, v.5, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36311/0102-5864.5.v0n18/19.2073>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2073>. Acesso em: 20 fev. 2024.

O AMIGO DO POVO. São Paulo, 16 ago. 1902. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/collections/891f18e1-2f40-4824-a777-13e6768faf4b>. Acesso em: 3 fev. 2024.

_____. São Paulo, 1 maio 1902. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/collections/891f18e1-2f40-4824-a777-13e6768faf4b>. Acesso em: 3 fev. 2024.

_____. São Paulo, 24 maio 1902. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/collections/891f18e1-2f40-4824-a777-13e6768faf4b>. Acesso em: 3 fev. 2024.

MUNDOS do Trabalho. Digitalizadas as edições do jornal "A Voz do Trabalhador", da Confederação Operária Brasileira (1908-1916). Piauí, maio 2019. Disponível em: <http://www.mundosdotrabalho.com.br/2019/05/digitalizadas-as-edicoes-do-jornal-voz.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmanm. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TV Boitempo. **A teoria da revolução em ROSA LUXEMBURGO | Curso | Com Isabel Loureiro**. YouTube. 2018. 141 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wp1tIa3o3jk>. Acesso em: 15 jan. 2024.

VASCO, Neno. **Greve dos inquilinos**. Lisboa: A Batalha, 1923.

WIKIPÉDIA. Federação Operária Regional Argentina. [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Federa%C3%A7%C3%A3o_Oper%C3%A1ria_Regional_Argentina>. Acesso em: 4 fev. 2024.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas: a ideia.** vol.1. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. **História das ideias e movimentos anarquistas: o movimento.** vol.2. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2006.